

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROFARTES

ANA CARMEM DE OLIVEIRA RODRIGUES

O COTIDIANO PARINTINENSE E O PROCESSO CRIATIVO NO ENSINO DE ARTE

MANAUS
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROFARTES

ANA CARMEM DE OLIVEIRA RODRIGUES

O COTIDIANO PARINTINENSE E O PROCESSO CRIATIVO NO ENSINO DE ARTE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes, Área de concentração em Ensino de Artes, como pré-requisito para obtenção do título de Mestra em Artes.

Linha 1 – Processo de ensino, aprendizagem e criação em artes.

Orientador: Prof(a) Dr(a). Valter Frank de Mesquita Lopes

MANAUS
2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

R696c Rodrigues, Ana Carmem de Oliveira
O cotidiano parintinense e o processo criativo no ensino de arte /
Ana Carmem de Oliveira Rodrigues . 2023
64 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Valter Frank de Mesquita Lopes
Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) - Universidade
Federal do Amazonas.

1. ensino de arte. 2. cotidiano. 3. experiência. 4. práticas
artísticas. I. Lopes, Valter Frank de Mesquita. II. Universidade
Federal do Amazonas III. Título

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROFARTES

ANA CARMEM DE OLIVEIRA RODRIGUES

O COTIDIANO PARINTINENSE E O PROCESSO CRIATIVO NO ENSINO DE ARTE

Dissertação apresentada à Banca para Defesa, junto ao Mestrado Profissional em Artes-PROFARTES. Linha 01 – Processo de ensino, aprendizagem e criação em artes.

Aprovado em: 08 / 08 / 2023

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientadora: Prof.(a) Dr.(a) Valter Frank de Mesquita Lopes

Membro: Prof(a) Dr(a) Edson Rodrigues Macalini - UNIVASF

Membro: Prof(a) Dr(a) Evandro de Moraes Ramos – PROFARTES/UFAM

Suplente: Prof(a) Dr(a) Francisco Carneiro da Silva Filho - UFAM

Suplente: Prof(a) Dr(a) Rosemara Staub de Barros – PROFARTES/UFAM

MANAUS
2023

“Aos meus pais Dometila de Oliveira
Rodrigues (in memoriam) e José Barros
Rodrigues (in memoriam), cujo empenho em
me educar sempre veio em primeiro lugar.
Aqui estão os resultados dos seus esforços.
Com muita gratidão.”

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me sustentar e me conduzir com sabedoria e inteligência ao longo dessa caminhada.

Aos meus filhos Isabele Rodrigues Costa e Pedro Thiago Rodrigues Costa, por sempre acreditarem em mim e por me incentivarem a ser forte e enfrentar todos as dificuldades no decorrer desta jornada.

Aos meus colegas de curso: Pedro Júnior Pereira de Oliveira e Erinaldo de Souza Batalha, que não mediram esforços para estarmos juntos do início à conclusão do mestrado. Obrigada por dividirem comigo essa experiência e por sempre me estenderem a mão.

Aos meus amigos Liena Ramos Martins, Nalda Maria Costa da Silva e Ítalo Igor de Freitas Sá, meus sobrinhos Adriano Marinho Leal, Alexandre Marinho Leal e Gabriele Tavares Reis, que me apoiaram nos momentos de angústia e crises de ansiedade. Sem eles talvez tivesse desistido.

Aos meus irmãos, por me incentivarem, por se mostrarem dispostos a ajudar quando precisei.

Por fim, agradeço especialmente aos meus orientadores durante o curso, Prof.(a) Dr.(a) Cláudia Carnevskis, e Prof. Dr. Valter Frank de Mesquita Lopes, por todos os ensinamentos a mim transmitidos. A vocês minha admiração e gratidão.

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor,
mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou
o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou
o que era antes”. (Marthin Luther King)

RESUMO

A presente dissertação apresenta o resultado de uma pesquisa realizada com os alunos do nono ano da Escola Estadual São José Operário, a partir da proposta de intervenção intitulada, “O cotidiano parintinense e o processo criativo no ensino de arte”, que investigou e experimentou metodologias de ensino e práticas pedagógicas que preconizam a importância de se inserir temas e imagens ligados à cotidianidade do aluno, durante as aulas de arte, incluindo seu repertório no processo de ensino e aprendizagem, reconhecendo seu cotidiano como canal de ligação entre a teoria da arte e as práticas artísticas. Para a fundamentação da pesquisa fez-se uma abordagem nas teorias de aprendizagem de Barbosa, Vigotiski e Freire e um estudo das concepções de Heller e Dewey referentes ao cotidiano e a experiência do aluno. A presente pesquisa é de cunho qualitativo com a coleta de dados feita a partir da pesquisa bibliográfica e da pesquisa-ação, em que o pesquisador participou diretamente de todas as etapas da pesquisa. Como proposta de intervenção foi feita a exploração de espaços do cotidiano com captura de imagens, utilizando o celular como recurso didático, com o intuito de permitir ao aluno a experimentação de práticas pedagógicas que construam uma relação entre sua cotidianidade e o seu fazer artístico. Esta atividade teve a finalidade de incentivar a participação dos alunos nas aulas práticas, levando-os a despertar o gosto pelas aulas práticas a partir da utilização de diferentes técnicas de produção artística. Almeja-se que o resultado desta pesquisa seja incluído nas fontes de pesquisas sobre metodologias e práticas pedagógicas no Ensino de Arte, intensificando a arte como conhecimento científico necessário para o desenvolvimento integral do ser humano.

Palavras-chave: ensino de arte, cotidiano, experiência, práticas artísticas.

ABSTRACT

This master0 thesis presents the result of a survey realized with ninth-year students at São José Operário State School, based on the intervention proposal entitled, “The daily life of Parintins and the creative process in Art teaching”, which investigated and experimented some teaching methodologies and pedagogical practices that advocate the importance of inserting themes and images related to the student's daily life during Art classes, including their repertoire in the teaching and learning process, recognizing their daily life as a link between the theory of Art and artistic practices. For the foundation of the research, an approach was made in the learning theories of Barbosa, Vigotiski, and Freire and a study of the conceptions of Heller and Dewey about the student's daily life and experience. The present research is of a qualitative nature with the collection of data made from the bibliographical research and the action research in which the researcher participated directly in all stages of the process. As an intervention proposal, the exploration of everyday spaces was made with image capture, using the cellphone as a didactic resource, with the aim of allowing the student to experiment pedagogical practices which build a relationship between their everyday life and their artistic work. This activity was intended to encourage student participation in practical classes, leading them to awaken a taste for practical classes based on the use of different techniques of artistic production. It is hoped the result of this research will be included in the sources of research on methodologies and pedagogical practices in Art teaching, intensifying Art as scientific knowledge necessary for the integral development of the human being.

Keywords: art teaching, daily life, experience, artistic practices.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Aula expositiva para introdução da atividade.....	23
Figura 2 - Leitura de imagens de espaços cotidianos.	23
Figura 3 - Alunos do 9º ano no Liceu de Artes Claudio Santoro (BUMBÓDROMO)	24
Figura 4 - Oficina de fotografia com o professor Gierre Rainier Angioli.	25
Figura 5 - Alunos em atividade extra classe.....	25
Figura 6 - Píer da praça digital	27
Figura 7 - Tricicleiro na orla do bairro da União.	27
Figura 8 - Praça digital.	28
Figura 9 - Passeio na orla da União.....	28
Figura 10 - Lago do Parananema.....	29
Figura 11 - Avó cuidando peixe no jirau.....	29
Figura 12 - Parquinho na praça do açai.	30
Figura 13 - Bandeiras da rua Cordovil.	30
Figura 14 - Mãe molhando as plantas.....	31
Figura 15 - Horta da escola.	31
Figura 16 - Campo São José.....	32
Figura 17 - Retorno da escola.....	32
Figura 18 - Lagoa da Francesa.	33
Figura 19 - Feira do Produtor.	33
Figura 20 - Feira do Bagaço.	34
Figura 21 - Feira do Chapão.....	34
Figura 22 - Mercado Municipal.....	35
Figura 23 - Porto da Baixa.....	35
Figura 24 - Praça da Liberdade.....	36
Figura 25 - Feira do Chapão.....	36
Figura 26 - Feira do Itaúna.	37
Figura 27 - Porto de Parintins.....	38
Figura 28 - Frente do bumbódromo.....	38
Figura 29 - Monumento ao Garantido em área particular.	39
Figura 30 - Curral Lindolfo Monte Verde.....	39
Figura 31 - Igreja Sagrado Coração de Jesus.	40

Figura 32 - Catedral de Parintins.....	40
Figura 33 - Portal de Parintins.....	41
Figura 34 - Praça do Japonês.....	41
Figura 35 - Muro de Arrimo.....	42
Figura 36 - Orla de Parintins.	42
Figura 37 - Muro de Arrimo.....	43
Figura 38 - Porto do São Benedito.	43
Figura 39 - Muro de Arrimo.....	44
Figura 40 - Muro de Arrimo.....	44
Figuras 41a, 41b e 41c - Socialização das imagens em sala de aula.	45
Figuras 42a, 42b e 42c - Produção de molduras artesanais.	46
Figura 43 - Organização das fotografias pelos alunos.....	47
Figura 44 - Registro de visitação.....	48
Figuras 45a e 45b - Alunos do Colégio Nossa Senhora do Carmo.	48
Figura 46a - Familiares de aluno. Figuras 46b e 46c - Comunidade parintinense.	49
Figura 47a - Professor de Arte do C.N.S.C. Figura 47b - Professor da E.E. São José. Figura 47c - Professores de outras instituições.....	49
Figura 48a - Gestor da E.E. São José. Figura 48b - Representante da Seduc. Figura 48c - Músico parintinense.....	50

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Da autora.....	13
Revisão da literatura.....	16
Descrição Metodológica.....	21
Da atividade.....	22
Início do processo criativo.....	25
Do resultado.....	47
Análise do resultado.....	51
Considerações finais.....	58
Referências.....	60

Introdução

É perceptível que a prática artística proporciona ao aluno o desenvolvimento da criatividade e do senso crítico por meio da experimentação de diferentes técnicas e materiais expressivos, assim como estimula a discussão sobre os movimentos artísticos e seus contextos. Um dos papéis do arte-educador é sensibilizar o aluno ao fazer artístico, a fim de que o mesmo passe de forma profunda pelo processo criativo, desenvolvendo várias habilidades proporcionadas pelo Ensino de Arte.

Como arte educadora há seis anos, tenho observado, que a prática artística é bastante prazerosa para o aluno das séries iniciais do segundo ciclo do ensino fundamental (6º e 7º ano), porém já nas séries finais (8º e 9º ano) há um desinteresse por parte de muitos alunos quanto ao fazer artístico. Essa resistência traz-me uma inquietação por entender que no ensino de arte, o processo criativo possibilita ao aluno a construção de conceitos por meio da experimentação. Por esse motivo, elaborei a atividade de pesquisa intitulada, “O cotidiano parintinense e o processo criativo no ensino de arte”, com o objetivo de investigar metodologias de ensino e práticas pedagógicas aplicáveis ao ensino de artes, que preconizam a importância de se inserir temas e imagens ligados ao cotidiano do aluno, durante as práticas artísticas, incluindo o aluno de forma participativa no processo de ensino e aprendizagem, bem como possibilitar a experimentação de técnicas de produção artísticas mais interessantes, capazes de despertar-lhe o interesse e a participação nas aulas de arte, reconhecendo seu cotidiano como ponto de partida para essa prática. A referida proposta foi executada com os alunos do 9º ano da Escola Estadual São José Operário, permitindo uma relação entre as práticas artísticas e o cotidiano do aluno, além de fazer uma reflexão sobre aspectos sociais, estéticos, econômicos e culturais do povo parintinense.

A pesquisa pautou-se na proposta ou abordagem triangular do ensino de arte de Barbosa (2005), por propor um Ensino de Arte pautado na aproximação da experiência escolar e a cotidianidade, o domínio da imagem na vida cotidiana e o fazer artístico como um dos tripés para o ensino de arte; Vigotiski (2009), pela sua teoria sociointeracionista, que entende que o conhecimento se faz pela interação entre o sujeito e o mundo de forma transformadora; Freire (2019), por entender a necessidade da associação dos conceitos da vida escolar aos conceitos da vida cotidiana, Heller (2016), que entende a vida cotidiana como o espaço onde se coloca em funcionamento as habilidades manipulativas e vários outros aspectos do ser humano e

Dewey (1976) por entender a experiência como um processo de relação entre o homem e a natureza.

Usando da pesquisa de cunho qualitativo, através da qual os agentes foram inseridos de forma direta no processo de criação, respeitando suas particularidades e opiniões a partir de um roteiro de atividades foi possível a coleta de dados por meio da pesquisa bibliográfica e da pesquisa-ação, em que tornei-me parte do processo como sujeito ativo durante todas as etapas da pesquisa.

A experimentação da proposta foi realizada durante as aulas de Artes e posteriormente em atividades extraclasse por meio de uma atividade planejada de acordo com a Proposta Curricular de Arte do Ensino Fundamental, que necessitou da aceitação do gestor da escola, de autorização dos pais, parcerias com outros profissionais da arte e órgãos municipais (SECTUR), o que proporcionou o sucesso da atividade, permitindo a revisão, a avaliação e a reorganização de minhas metodologia e a ressignificação das práticas docente, para a melhoria do Ensino de Arte no município de Parintins/Am, respeitando a singularidade do aluno, sua cultura, sua experiência e sua visão de mundo.

O trabalho aqui apresentado estrutura-se em um breve histórico de minha vida profissional e de como foi construída, ainda na infância, a minha relação com a arte. A revisão da literatura tem como aporte para a fundamentação da pesquisa, uma relação do pensamento dos autores sobre a importância de se associar o cotidiano do aluno às experiências em sala de aula. A metodologia vem especificando cada passo da execução da atividade de intervenção com os alunos e como se deu o processo criativo, a apresentação e a análise do resultado da pesquisa desenvolvida. Cada passo aqui realizado foi fundamental para o cumprimento da proposta, finalizando a pesquisa de modo satisfatório, entendendo que o ensino de arte em Parintins se potencializa a partir do que tem de melhor, sua arte, sua cultura, seu povo.

Da autora

Tenho imenso orgulho de ter nascido na cidade de Parintins, no estado do Amazonas; filha de pais oriundos da comunidade do Saracura, zona rural do município, local que sempre visitava no período de férias escolares para rever os parentes e manter o contato com a natureza, tomar banho de rio, andar de canoa e nas grandes enchentes divertir-me com os irmãos pescando de cima do assoalho. Hoje, formada no Curso Sequencial em Expressão Visual pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM em 2007 e em Licenciatura Plena em Artes Visuais, no ano de 2014 pela mesma universidade, professora de Artes nas escolas “São José Operário” e “Colégio Nossa Senhora do Carmo” localizadas na mesma cidade, busco o aprimoramento em metodologias e práticas que possam resultar em um ensino de arte mais significativo, capaz de contribuir com a formação integral do aluno.

Meu primeiro contato com materiais expressivos deu-se aos cinco anos de idade, quando ganhei uma coleção de livros para colorir e uma caixa de lápis de cor de minha mãe. O entusiasmo pelas cores e desenhos foi tanto, que quase pinte o livro todo em um só dia. Já aos dez anos, visitei pela primeira vez a biblioteca municipal de sua cidade, onde me encantei com as imagens dos livros de histórias infantis, minha sessão preferida. Nesse mesmo ano passei a colecionar gibis da turma da Mônica, o recruta Zero e de personagens da Disney, começando a reproduzir desenhos desses personagens em diferentes suportes como cadernos, papelão e a parede de madeira da minha casa.

Aos treze anos meu irmão mais velho motivou-me a ir até o atelier do Irmão Miguel de Pascale, missionário italiano que recebia crianças e adolescentes com habilidades artísticas para aperfeiçoá-las. Lá eu tive o primeiro contato com esculturas de gesso e tinta pigmento, participando de todo o processo de produção, aprendendo a produzir novas cores a partir da mistura de tintas e a pintar esculturas de santos e outras figuras utilizadas em presépios natalinos. Permaneci no atelier por um ano e três meses, pois não me sentia à vontade com brincadeiras e comentários machistas vindo de meus colegas, visto que na época eu era a única mulher naquele ambiente no horário da tarde, outras duas alunas frequentavam pelo horário da manhã. Desse momento em diante perdi o contato com a prática artística e dediquei-me mais aos estudos pois sempre sonhei em ser professora.

Durante o meu Ensino Médio, retornei à prática do desenho o que me foi muito útil, principalmente no período de estágio, quando cursei o magistério, pois facilitava a produção do meu material didático (cartazes). Conclui o curso no ano de 1992 e tive minha primeira experiência

como professora em 1996, trabalhando com uma turma multisseriada de 2º, 3º e 4º ano, composta por 35 alunos, na comunidade do Araçatuba na zona rural de Parintins, onde permaneci por dois anos e depois retornei a sede, denominada Parintins.

Em 2002 iniciei minha trajetória como professora de educação infantil, no Centro Educacional Infantil Castanheira, no bairro de mesmo nome, onde continuei usando minhas habilidades artísticas para produzir recursos didáticos, mas não tinha noção da potencialidade da arte na minha vida, até ingressar no primeiro curso de graduação.

Foi então que no ano de 2003, iniciei o curso Sequencial em Expressão Visual, pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM. Um curso de nível superior que, possibilitou o aperfeiçoamento das habilidades artísticas. Apesar de uma excelente grade curricular, o curso de Expressão Visual não habilita para a docência em Ensino de Arte, necessitando ainda de uma complementação com disciplinas didático pedagógicas. Em 2009, iniciei uma Licenciatura Plena em Artes Visuais, também pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM, concluída em 2014, por conta de uma extensa greve, que ocorreu pelos funcionários daquela instituição. A licenciatura oportunizou conhecer algumas teorias e metodologias direcionadas ao ensino da Arte e experimentar práticas pedagógicas através de estágio supervisionado.

Em 2016, após aprovação em concurso público, passei a atuar como arte educadora, nas Escolas Estaduais Geny Bentes, Senador Álvaro Maia e São José Operário, de forma compartilhada. Durante esse ano foi possível desenvolver práticas pedagógicas que possibilitaram o desenvolvimento da criatividade, da experimentação de materiais e a produção artística.

Nesse mesmo ano, participei de projetos desenvolvidos nas escolas acima citadas, cumprindo o disposto nas leis 10.639/03 e 11.645/08, que preconizam o ensino de História da África, Cultura Afro Brasileira e Indígena, realizando exposições com produções bi e tridimensionais feitas pelos alunos, em diferentes superfícies.

Em 2017 participei pela primeira vez do Programa Ciência na Escola - PCE, com o projeto de iniciação científica intitulado “Alegorias parintinenses: Uma trajetória em busca do domínio representativo das formas tridimensionais.” Esse projeto teve como objetivo, investigar e documentar a história das alegorias parintinenses e seus principais autores, dando ênfase às constantes mudanças ocorridas ao longo dos anos. Durante o projeto os pesquisadores-júnior (alunos participantes do projeto) tiveram a oportunidade de conhecer o processo criativo das alegorias, observar e analisar suas imagens e identificar elementos da visualidade. Esse projeto foi selecionado para participar da IV Feira de Ciências da Amazônia, onde foi premiada

pela Associação Brasileira de Incentivo à Ciência – ABRIC como projeto inovador no campo da pesquisa.

Em 2018, elaborei e coordenei o projeto de pesquisa intitulado “Arte Contemporânea e Resíduos Sólidos: olhares que transformam o lixo”, também no âmbito do PCE, visando o entendimento por parte dos alunos sobre arte conceitual, considerando que Parintins respira a representação naturalista. Com esse projeto foi possível proporcionar a produção de obras de arte a partir de temas sugeridos pelos alunos, reutilizando resíduos sólidos como materiais expressivos. Esse projeto foi credenciado para participar da Feira de Ciências do Estado do Amapá – FECEAP.

Em 2019, desenvolvi o projeto “A pintura do século XIX, sob o olhar dos artistas negros no Brasil”, também pelo PCE, afim de possibilitar por meio da pesquisa os alunos pudessem identificar e analisar obras produzidas por artistas negros do século XIX e seus autores, construindo o ensino de história e cultura afro-brasileira, promovendo a valorização dos povos africanos e afrodescendentes.

Também em 2019 elaborei o projeto interdisciplinar “Escola sem cor”, pela Escola São José Operário no mês de novembro, onde desenvolvi atividades que culminaram no dia da consciência negra, por acreditar na escola como espaço de igualdade e equidade.

Minha trajetória como arte-educadora, ainda está no início, porém busco a cada ano um aprimoramento, por meio da autoavaliação e da busca constante de orientações quanto prática no ensino de artes, conscientizando os alunos quanto à importância da arte para sua formação social, tanto quanto as demais disciplinas do currículo, enfatizando sua contribuição para o desenvolvimento de diversas habilidades necessárias para seu desenvolvimento integral.

Assim sendo, busco por meio da pesquisa e da prática pedagógica, um diferencial capaz de potencializar o ensino de arte, desconstruindo certos conceitos que desvalorizam o ensino de arte nas escolas públicas

Revisão da literatura

Incentivar o aluno para que ele desperte o interesse para a prática artística por meio de diferentes técnicas, à fim de desenvolver sua criatividade exige a busca de novas possibilidades quanto às metodologias e práticas pedagógicas no Ensino de Arte. Propõe-se que o arte-educador considere o contexto e as experiências do educando ao planejar suas atividades, explorando os aspectos sociais, culturais, estéticos, religiosos e econômicos, proporcionando uma relação do fazer artístico e a cotidianidade, de forma que oportunize ao aluno expressar seu pensamento e desenvolver a sua criatividade. Para que isso ocorra é necessário buscar em seu cotidiano, alternativas que coloquem a Arte mais próxima de sua realidade, pois para Freire (2001, p. 261), “a experiência da compreensão será tão mais profunda quanto sejamos nela capazes de associar, jamais dicotomizar, os conceitos emergentes da experiência escolar aos que resultam do mundo da cotidianidade.” É importante aqui compreender o cotidiano, não só na esfera individual do sujeito, mas também na esfera social e na interrelação entre ambas, pois segundo Haller (1977, p. 7), [...]O conceito de cotidiano está relacionado àquilo que é vivido e à vida social dos indivíduos sociais. Um e outro se relacionam entre si.

Ao arte-educador cabe a tarefa de investigar, de forma dialogada, temas geradores ligados à cotidianidade do aluno que tenham relação com os conteúdos programáticos e sejam capazes de despertar o interesse nas aulas, tornando-se o ponto de partida para a sua produção artística. Quanto a isso Freire (2019, p. 62), afirma que “É importante reenfatizar que o “tema gerador” não se encontra nos homens isolados da realidade, nem tampouco na realidade separada dos homens. Só pode ser compreendido nas relações homens-mundo.”

Construir relações entre o cotidiano do aluno e as práticas artísticas no ensino de arte, permitindo que o mesmo passe de forma significativa pelo processo de criação, permitirá ao arte-educador conhecer um pouco mais do seu aluno, suas vivências e suas perspectivas. Essa relação precisa considerar as inúmeras experiências anteriores vividas pelo aluno, que lhe permitem o desenvolvimento de suas habilidades, o fazer artístico, a percepção e a apreciação.

Pensando na valorização da experiência do aluno, considera-se o pensamento de Vigotski (2009) sobre a importância da conservação da experiência anterior da vida do ser humano para a facilitação de sua adaptação ao mundo que o cerca. Assim sendo, o cotidiano do aluno traz um variado repertório de experiências marcantes, transformadoras de sentidos e geradoras de conceitos, que não pode ser depreciado pelo professor.

Compreender o processo criativo como uma experiência essencial na vida do ser humano, bem como compreender a necessidade desta prática como possibilidade de experiência transformadora capaz de criar uma intimidade entre o fazer artístico e a apreciação, é compreender a concepção de experiência segundo Dewey (2010, p. 126), que afirma: “A concepção de experiência consiste como uma concepção de relação entre o fazer e o estar sujeito a algo, permite compreender a ligação que a arte como produção, por um lado, e a percepção e apreciação como prazer, por outro, mantem entre si.” Essa experiência precisa ser valorizada e explorada na produção artística do aluno pois segundo Barbosa (1998, p. 24) “É no campo das artes que o processo da experiência significativa se torna mais evidente para o ser cognoscente.”

Para explorar o contexto e a experiência do aluno de forma significativa, o estudo de metodologias aplicáveis ao Ensino de Arte precisa ser uma constante na vida do arte-educador, assim como a busca por práticas exitosas que estimulem a apreciação, a contextualização e o fazer artístico. Nesta vertente faz-se aqui uma abordagem à proposta triangular de Barbosa (1998), que muito contribuiu e tem contribuído para o ensino de arte no Brasil, criticando suas características tecnicistas ou romantizadas e apresentando uma proposta de caráter crítico e reflexivo, capaz de contribuir com a formação integral do aluno de forma interdisciplinar por meio da contextualização.

Contextualizar é estabelecer relações. Neste sentido, a contextualização no processo ensino-aprendizagem é a porta aberta para a interdisciplinaridade. A redução da contextualização à história é um viés modernista. É através da contextualização que se pode praticar uma educação em direção à multiculturalidade e à ecologia, valores curriculares que definem a pedagogia pós-moderna acertadamente defendidos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). (BARBOSA, 1998, p. 38)

Barbosa (1998) defende o ensino da história da arte por meio da contextualização, entendida por ela como uma emolduração do conhecimento e do entendimento, podendo ser subjetivamente ou socialmente construída. Sugere o ensino da história da arte de forma não linear, preocupada apenas em demonstrar que a arte não está isolada de nosso cotidiano. Reconhece a importância da obra de arte para o reconhecimento pessoal do ser humano, afirmando que:

“[...] A obra de arte cristaliza a substância social e sua perenidade vem, justamente, da grande importância de que se reveste para nosso reconhecimento como seres humanos, inseridos num determinado espaço (físico, cultural, ideológico) e numa temporalidade específica. [...]” (BARBOSA, 2001, p. 12)

Quanto à apreciação, enfatiza a necessidade da alfabetização social, cultura, estética do meio ambiente para que a alfabetização verbal tenha sentido, reconhecendo que o mundo cotidiano está cada vez mais dominado pelas imagens.

Temos que alfabetizar para a leitura da imagem. Através da leitura das obras de artes plásticas estaremos preparando a criança para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa e, através da leitura do cinema e da televisão, a prepararemos para aprender a gramática da imagem em movimento. (BARBOSA, 2005, P. 34)

O fazer artístico é considerado por Barbosa (2005) como fruidor da criatividade, fundamental para o conhecimento em arte e para o desenvolvimento do pensamento presentacional que capta e processa a informação por meio da imagem, mas esse fazer não garante uma boa leitura a respeito das obras ou das imagens produzidas, para Barbosa (2005, p. 34) “A produção de arte faz a criança pensar inteligentemente cerca da criação de imagens visuais, mas somente a produção não é suficiente para a leitura e o julgamento de qualidade das imagens produzidas por artistas ou do mundo cotidiano que nos cerca”, para ela o verdadeiro conhecimento da arte, acontece pela organização que se dá nas artes visuais, na construção da inter-relação do fazer artístico, da apreciação da obra de arte e a história da arte. E para isso seria necessário:

Um currículo que interligasse o fazer artístico, a história da arte e a análise da obra de arte estaria se organizando de maneira que a criança, suas necessidades, seus interesses e seu desenvolvimento estariam sendo respeitados e, ao mesmo tempo, estaria sendo respeitada a matéria a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição específica para a cultura (BARBOSA, 2005, p. 35).

Barbosa (2005) enfatiza ainda que sem acesso ao conhecimento de arte e história o aluno terá uma grande dificuldade de construir uma consciência quanto a sua própria identidade. Acredita que “[...] A escola seria o lugar em que se poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação e formação estética de todas as classes sociais, propiciando-se na multiculturalidade brasileira uma aproximação de códigos culturais de diferentes grupos” (BARBOSA, 2005, p. 33)

Para que o aluno receba essa formação estética necessárias para a sua formação integral, é imprescindível que o professor considere o seu cotidiano, entendendo-o como facilitador do acesso à informação e formação de conceitos e opiniões, pois de acordo com Meira e Silva:

O ensino de arte na escola precisa, então, considerar esse cotidiano, que acontece fora da escola, mas do qual as pessoas fazem parte, ou melhor, o qual faz parte das pessoas. Não é possível ver alguém por inteiro, entender o aluno, como ele pensa, significa e expressa o mundo, se retirarmos tudo o que o caracteriza no seu dia a dia. (MEIRA e SILVA, 2014, p. 54)

O arte-educador precisa buscar formas de intermediar o conhecimento sistematizado às informações adquiridas no contexto, nas experiências e nas múltiplas relações vividas pelo educando. Entender a necessidade de explorar e levar o aluno a compartilhar essas informações é permitir que ele amplie seu entendimento de mundo, associando suas vivências aos conceitos

apresentados pelo arte-educador, pois são essas experiências cotidianas que ampliam suas potencialidades como também ajudam na identificação de suas impossibilidades. Heller (2016) descreve a vida cotidiana como a possibilidade do ser humano vivenciar todas as suas possibilidades e limitações de forma particular ou coletiva, desenvolvendo a sua formação pessoal, a partir de suas experiências.

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro, ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos da sua individualidade, de sua personalidade. Nela colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias. (HALLER, 2016, p. 16).

É nas experiências cotidianas que o ser humano desperta a capacidade de desenvolver suas percepções, sua sensibilidade e aprende a organizar os pensamentos em busca de possíveis soluções para questões do dia a dia. Assimilando tudo que vê e experimenta, analisando suas consequências e aprendendo a discernir ações futuras.

As práticas e visualidades dos cotidianos, embora complexas, fragmentadas, sempre demandam algum tipo de invenção apoiada na necessidade de criar novas maneiras de organizar percepções e pensamentos, deixando-nos envolver e afetar pelos acontecimentos, essas forças vivas que se manifestam no corpo, sob forma de sensibilidade. (SILVA e SENNA, 2016, p. 7)

Vale ressaltar que nem toda a experiência vivenciada é capaz de produzir tais transformações, tendo em vista a possibilidade de se passar por experiências negativas capazes de limitar-nos a novas experiências. O que nos torna estáticos por determinado tempo e nos priva de adquirir novos conhecimentos. Quanto a isso Dewey (1976) afirma:

Uma experiência pode ser tal que produza dureza, insensibilidade, incapacidade de responder aos apelos da vida, restringindo, portanto, a possibilidade de futuras experiências mais ricas. Outra poderá aumentar a destreza em alguma atividade automática, mas de tal modo que habitue a pessoa a certos tipos de rotina, fechando-lhe o caminho para experiências novas. (DEWEY, 1976, P. 14)

Vigotski (2009) entende essas experiências anteriores como ponto de partida para o desenvolvimento da imaginação e criatividade do ser humano, reconhecendo que a combinação de experiências anteriores gera novos elementos trazidos pela imaginação como determinantes para a criação de algo novo.

[...] Diante de nós, há uma situação criada pela criança. Todos os elementos dessa situação, é claro, são conhecidos por ela de sua experiência anterior, pois do contrário, ela nem poderia criá-la. No entanto, a combinação desses elementos já representa algo novo, criado, próprio daquela criança, e não simplesmente alguma coisa que reproduz o que ela teve a oportunidade de observar e ver. [...] (VIGOTSKI, 2009, p. 17)

Precisa-se ter um cuidado para não tratarmos todas as informações trazidas pelo aluno como experiência, posto que ter informação sobre algo não significa que você o conhece de fato, pois o conhecimento real se dá pela experiência dotada de sentidos, quando o sujeito é

entendido como o território de passagem, pois de acordo com Bondía (2002, p. 21) “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”

Freire (1987) também chama a atenção para o reconhecimento das vivências do aluno no contexto escolar, entendendo-as não como um problema, mas como fatores que contribuem de forma positiva para a construção do conhecimento. Compreende a necessidade de o professor identificar as concepções de mundo já incutidas no aluno por meio de suas experiências, para então propor a inserção do tema gerador. Para Freire:

O que se pretende investigar, realmente, não são os homens, como se fossem peças anatômicas, mas o seu pensamento-linguagem referido à realidade, os níveis de sua percepção desta realidade, a sua visão do mundo, em que se encontram envolvidos seus “temas geradores. (FREIRE, 1987, P. 56)

Essas concepções demonstram uma convergência de opiniões, quanto à importância de se considerar o cotidiano do aluno como um fator positivo para a construção do conhecimento, que deve ser feita pelo próprio aluno com a mediação do professor. É na cotidianidade do aluno que se identifica sua cultura e suas experiências, o que permite um diálogo mais significativo para melhor compreensão de mundo.

Descrição Metodológica

A pesquisa aqui apresentada tem um cunho qualitativo por se tratar da investigação de Metodologias e Práticas Pedagógicas que preconizam a relação entre o ser social (aluno) e seu ambiente (cotidiano), analisando a participação dos alunos no processo criativo durante a experimentação de técnicas de produção artística, explorando elementos relacionados à suas vivências, crenças, costumes e valores, contribuindo para a formação de sua identidade cultural. Quanto a esse tipo de pesquisa, Silva (2001, p. 20)

considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

Almejando resultados mais confiáveis, com mais riqueza de detalhes, utilizou-se como técnica de pesquisa a pesquisa-ação, em que a pesquisadora tornou-se um agente ativo no processo investigativo, visto que está inserida no contexto a ser pesquisado assim como em todas as etapas da pesquisa. Gil (2008, p. 30) apresenta a pesquisa-ação, segundo a definição de Thiollent (1985)

... é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos do modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1985, p. 14)

Buscando uma fundamentação teórica considerável, foi feita a pesquisa bibliográfica a partir da abordagem e discussão de diferentes Teorias de Aprendizagem e Ensino de Arte, bem como a definição de termos essenciais para o direcionamento e posicionamento do pesquisador em diferentes autores. A pesquisa bibliográfica se faz necessária para uma pesquisa de qualidade, pois é nas teorias que o conhecimento é sistematizado e se apresenta de forma metódica para o reconhecimento científico da pesquisa. Essa afirmação é fundamentada por Gil (2008, p. 18), segundo a definição de Ferrari (1982), sobre a importância das teorias.

As teorias são muito importantes no processo de investigação em ciências sociais. Elas proporcionam a adequada definição de conceitos, bem como o estabelecimento de sistemas conceituais; indicam lacunas no conhecimento; auxiliam na construção de hipóteses; explicam, generalizam e sintetizam os conhecimentos e sugerem a metodologia apropriada para a investigação (TRUJILLO FERRARI, 1982, p. 119).

A busca por diferentes práticas pedagógicas aplicadas ao Ensino de Arte foi feita através de uma experimentação, desenvolvida com uma turma do 9º ano da Escola Estadual

São José Operário em uma atividade de intervenção nas aulas de Artes, por meio de planejamento específico de acordo com a proposta curricular de Ensino de Artes do município de Parintins/Am, considerando as condições de espaço, tempo e organização de materiais para execução das atividades.

Da atividade

Pensar em uma atividade capaz de explorar temas e imagens ligados ao cotidiano do aluno, relacionando-os com a proposta curricular do Ensino de Arte, bem como possibilitar a experimentação de materiais expressivos por meio do processo criativo me fez buscar estratégias e ferramentas possíveis para a execução da proposta. Dessa forma a fotografia me pareceu uma alternativa possível para realização da atividade, utilizando o celular como recurso didático para essa captura de imagens, por ser um instrumento que já faz parte da realidade da maioria dos alunos da Escola São José Operário, no município de Parintins no Amazonas.

O início da atividade deu-se com uma aula teórica ministrada na sala do 9º ano 01 da Escola Estadual São José Operário, no turno matutino, tendo como objeto do conhecimento: A prática das artes visuais e as artes integradas nas dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética, por meio de apreciação de imagens de diferentes contextos que retratam esses aspectos nos diferentes movimentos artísticos.

Este objeto do conhecimento propôs o desenvolvimento da habilidade (EF69AR31) da Proposta Curricular Pedagógica do Ensino Fundamental, objetivando que o aluno possa relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética. Abranger tais aspectos no currículo do Ensino de Arte nos faz pensar nas particularidades do aluno, principalmente quando se trata de cultura, (aspecto a ser enfatizado na produção artística dos alunos a partir exploração do seu cotidiano), pois de acordo com Morin (1997):

As sociedades modernas são policulturais. Focos naturais de naturezas diferentes encontram-se em atividade: a (ou as) religião, o Estado nacional, a tradição das humanidades, afrontam-se ou conjugam suas morais, seus mitos, seus modelos dentro e fora da escola[...] (MORIN,1997, p. 16)

Figura 1 - Aula expositiva para introdução da atividade.



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Figura 2 - Leitura de imagens de espaços cotidianos.



Fonte: elaborado pela autora (2023)

O segundo passo foi preparar os alunos para a captura de imagens, pois não era somente a captura de imagens com um simples clic, mas possibilitar aos alunos a identificação dos elementos estéticos presentes no seu cotidiano, como também inserir técnicas básicas de fotografia. Para isso foi necessário buscar a parceria de um fotógrafo artista no Liceu de Artes e Ofício Cláudio Santoro, onde funciona o Centro Cultural de Parintins, popularmente conhecido como Bumbódramo, local onde é realizado o Festival Folclórico de Parintins, uma das maiores manifestações artísticas do Brasil. Nessa Instituição os alunos participaram de uma oficina de fotografia com o uso do celular, ministrada pelo professor, fotógrafo e cineasta Gierre Rainier Angioli Ferreira sob a organização da pesquisadora.

Esta oficina teve como objetivo preparar os alunos para a próxima etapa da pesquisa que foi a prática da fotografia, utilizando o celular como recurso didático na exploração de

elementos do seu cotidiano. Nela também os alunos receberam noções básicas de estética na fotografia contemporânea, por meio de diferentes técnicas.

A fotografia aqui deixa a função de registro e atua como técnica de produção artística que possibilita aos alunos uma identificação dos elementos da visualidade perceptíveis na vida cotidiana. Essa relação da visualidade com a cotidianidade é expressa por Nicholas Mirzoeff, segundo Fabris (2007)

A ideia de que o visual constitui a vida cotidiana é central na argumentação de Mirzoeff. O autor norte-americano acredita que o surgimento da cultura visual como campo de estudo foi determinado pela necessidade de interpretar a globalização pós-moderna da visualidade como vida cotidiana, preenchendo a lacuna existente entre a riqueza da experiência perceptiva e a capacidade de analisá-la. [...] (FABRIS, 2007, p. 32)

Entre outras funções sociais da fotografia, destaca-se a possibilidade de questionamentos ou mesmo o despertar da consciência crítica, que pode ser estimulado pela produção e leitura de imagem. Outra habilidade também desenvolvida pela produção da fotografia é a percepção visual, visto que a imagem é uma constante vida do ser humano, pois de acordo com Peruzzo (2015)

Vivemos em uma sociedade culturalmente imagética, porém, nem todos nós dispomos de capacidade crítica para analisá-la e interpretá-la adequada e coerentemente. Ao contrário, quanto mais se produzem imagens, mais aceleramos nossos processos de percepção visual, se é que assim podemos chamar, hoje, o ato de ver na contemporaneidade. (PERUZZO, 2015, p. 14)

Figura 3 - Alunos do 9º ano no Liceu de Artes Claudio Santoro (BUMBÓDROMO)



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Após a oficina do professor Gierre, os alunos foram orientados por mim a explorar espaços cotidianos para a captura de imagens, pensando na relação desses espaços com o seu dia a dia, com suas vivências, sua cultura e outros aspectos da sua vida.

Figura 4 - Oficina de fotografia com o professor Gierre Rainier Angioli.



Fonte: elaborado pela autora (2023).

Início do processo criativo

O processo de produção da imagem a ser capturada, se deu em uma atividade extra classe, quando os alunos organizaram-se em duplas sob a orientação da pesquisadora, para que a atividade pudesse ser realizada também pelos alunos que não possuíam celular.

Figura 5 - Alunos em atividade extra classe.



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Nessa etapa da atividade, a intenção era realizar uma composição fotográfica dentro dos conceitos básicos explorados na oficina de fotografia, para levar os alunos a perceberem por meio da observação, locais, pessoas, atividades e situações com os quais eles se identificassem em seus aspectos da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética, buscando em suas memórias, vivências cotidianas relacionadas aos espaços explorados.

Proporcionar atividades escolares em que o aluno desenvolva um sentimento de pertencimento, por meio de aspectos importantes de sua cultura é reconhecer a importância de suas experiências na construção do conhecimento e no desenvolvimento de suas relações sociais, pois de acordo com Vigotski (2009):

O desenvolvimento da criança encontra-se, assim, intrinsecamente relacionado à apropriação da cultura. Essa apropriação implica uma participação ativa da criança na cultura, tornando próprios dela mesma os modos sociais de perceber, sentir falar, pensar e se relacionar com os outros. [...] A diversidade e a complexidade dessas relações sociais internalizadas são construtivas do *drama* experienciado pelos sujeitos. (VIGOTSKI, 2009, p.8)

Os alunos fotografaram pontos da cidade como feiras, mercados, portos e vias públicas, assim identificados:

- Espaços que identificam alguns hábitos e costumes dos parintinenses como:
 - Tomar café no fim da tarde à margem do Rio Amazonas;
 - Andar de triciclo;
 - Apreciar o pôr do sol na praça digital;
 - Passear com os filhos na orla do Bairro da União;
 - Tomar banho no fim da ilha, no lago do Parananema;
 - Comer peixe;
 - Enfeitar as ruas com as cores do seu boi-bumbá preferido (fitas e bandeirolas);
 - Levar os filhos no parquinho da praça do açai.
 - O cultivo de plantas medicinais e ornamentais
 - Jogar futebol nos campos da cidade.
 - Viajar de barco para o interior nos finais de semana.

Figura 6 - Píer da praça digital



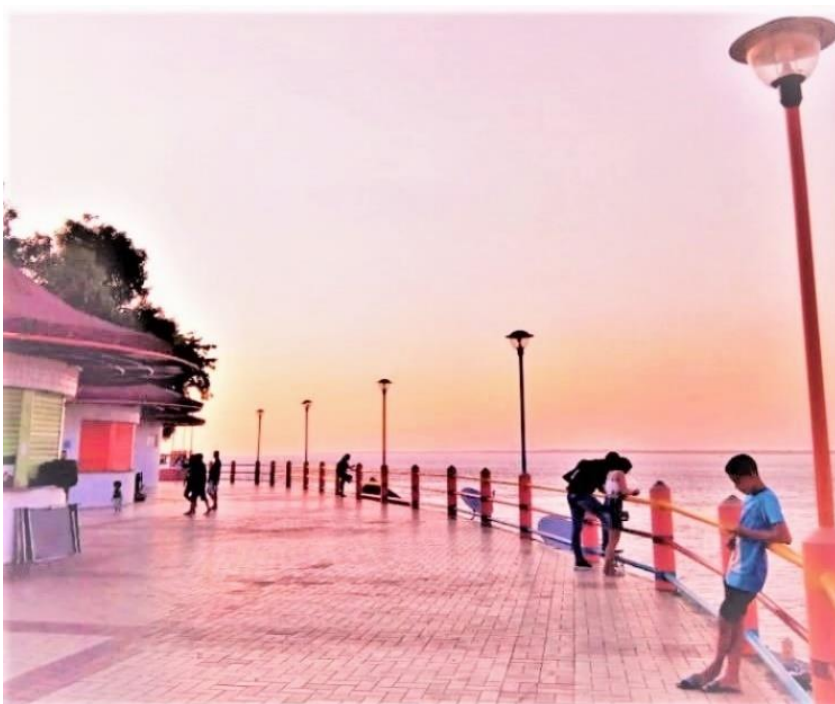
Fonte: elaborado pelo aluno D. M. (2023)

Figura 7 - Tricicleiro na orla do bairro da União.



Fonte: elaborado pelo aluno J. V. C. (2023)

Figura 8 - Praça digital.



Fonte: elaborado pela aluna A. B. R (2023)

Figura 9 - Passeio na orla da União.



Fonte: elaborado pelo aluno J. V. C. (2023)

Figura 10 - Lago do Parananema.



Fonte: elaborado pela aluna A. C. M. (2023)

Figura 11 - Avó cuidando peixe no jirau.



Fonte: elaborado pela aluna S. S. da S. (2023)

Figura 12 - Parquinho na praça do açai.



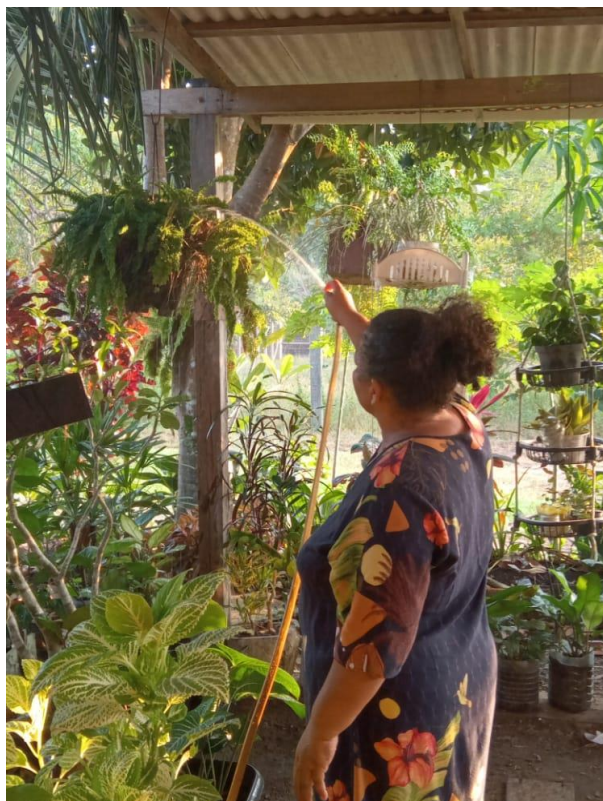
Fonte: elaborado pela aluna A. L. N. (2023)

Figura 13 - Bandeiras da rua Cordovil.



Fonte: elaborado pelo aluno J. V. B. (2023)

Figura 14 - Mãe molhando as plantas.



Fonte: elaborado pela aluna H. S. (2023)

Figura 15 - Horta da escola.



Fonte: elaborado pela aluna Y. X. (2023)

Figura 16 - Campo São José.



Fonte: elaborado pelo aluno A. G. R. (2023)

Figura 17 - Retorno da escola.



Fonte: elaborado pela aluna B. H. N. (2023)

Figura 18 - Lagoa da Francesa.



Fonte: elaborado pelo aluno J. de S. da S. (2023)

➤ Espaços onde se identificam atividades econômicas praticadas pelos parintinenses:

- Feira do Produtor;
- Feira do Bagaço;
- Feira do Chapão;
- Feira do Itaúna;
- Porto da Baixa;
- Praça da Liberdade;
- Mercado Municipal

Figura 19 - Feira do Produtor.



Fonte: elaborado pelo aluno K. V. R. (2023)

Figura 20 - Feira do Bagaço.



Fonte: elaborado pela aluna L. M. (2023)

Figura 21 - Feira do Chapão.



Fonte: elaborado pelo aluno M. V. da S. (2023)

Figura 22 - Mercado Municipal.



Fonte: elaborado pela aluna E. E. (2023)

Figura 23 - Porto da Baixa.



Fonte: elaborado pelo aluno L. D. dos S. (2023)

Figura 24 - Praça da Liberdade.



Fonte: elaborado pelo aluno I. C. de S. (2023)

Figura 25 - Feira do Chapão.



Fonte: elaborado pela aluna E. N. (2023)

Figura 26 - Feira do Itaúna.



Fonte: elaborado pelo aluno J. E. de L. (2023)

➤ Espaços ligados à cultura e a religiosidade do parintinense:

- Praça da Catedral;
- Praça do Sagrado Coração de Jesus;
- Bumbódromo;
- Porto de Parintins;
- Curral Lindolfo Monte Verde
- Área particular.

Figura 27 - Porto de Parintins.



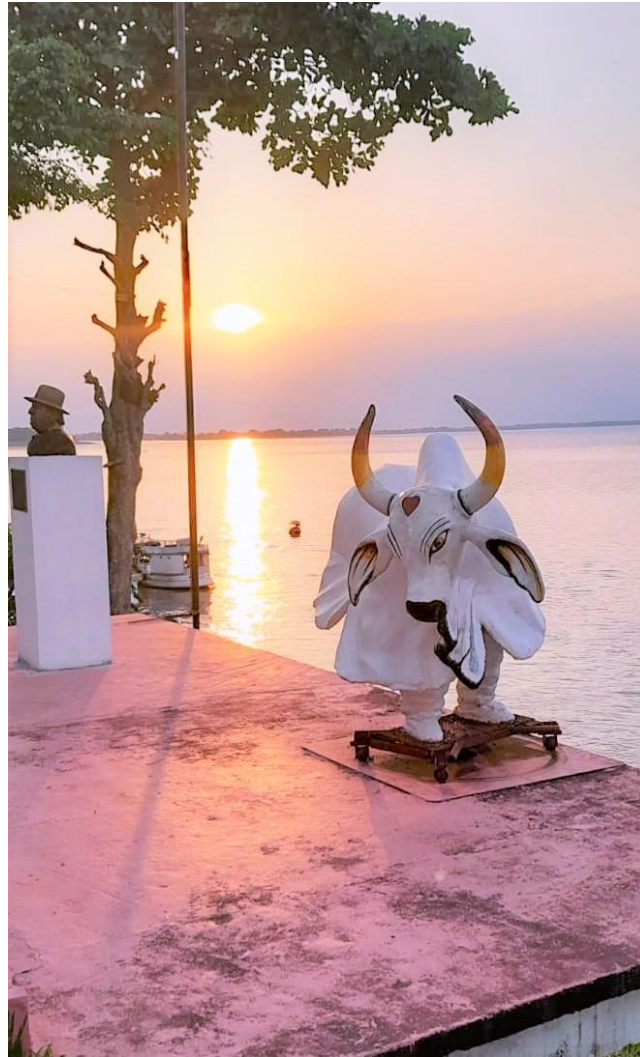
Fonte: elaborado pelo aluno R. R. (2023)

Figura 28 - Frente do bumbódromo.



Fonte: elaborado pela aluna Y. S. (2023)

Figura 29 - Monumento ao Garantido em área particular.



Fonte: elaborado pelo aluno C. A. F. (2023)

Figura 30 - Curral Lindolfo Monte Verde.



Fonte: elaborado pelo aluno R. M. V. (2023)

Figura 31 - Igreja Sagrado Coração de Jesus.



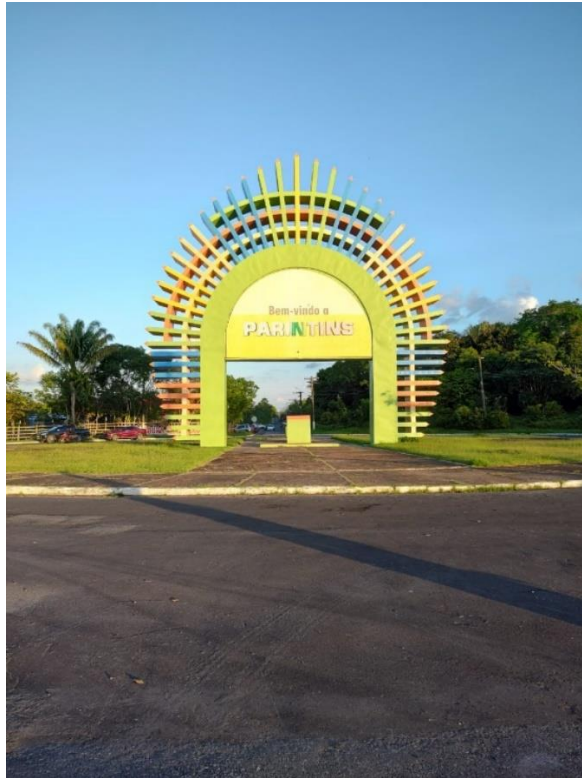
Fonte: elaborado pela aluna E. C. (2023)

Figura 32 - Catedral de Parintins.



Fonte: elaborado pela aluna E. E. M. (2023)

Figura 33 - Portal de Parintins.



Fonte: elaborado pela aluna K. K. S. (2023)

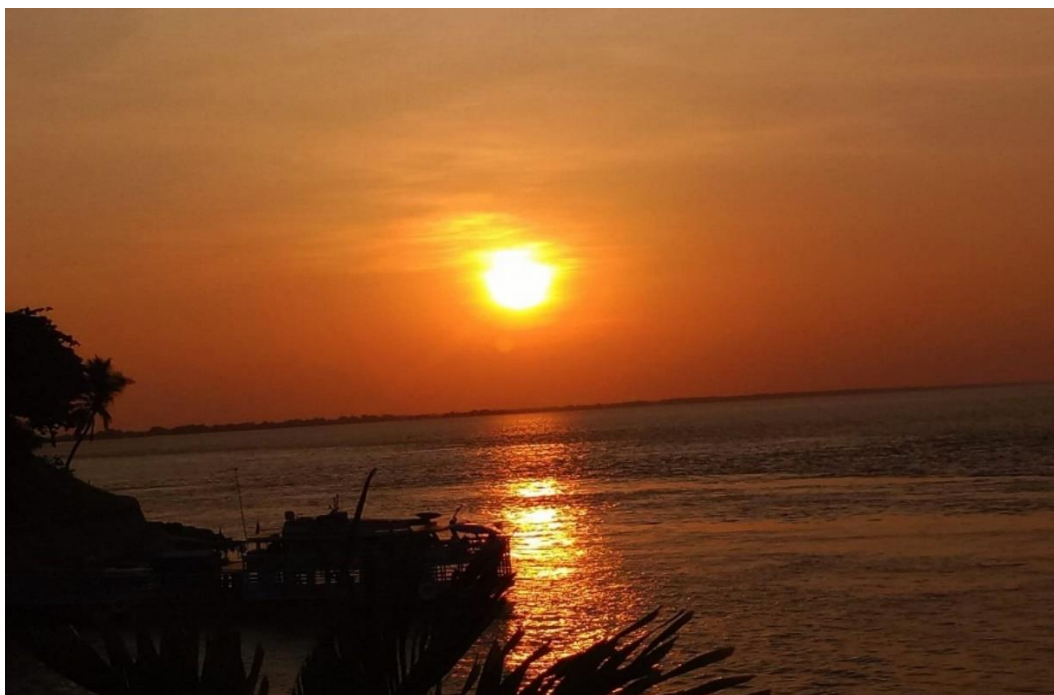
Figura 34 - Praça do Japonês.



Fonte: elaborado pela aluna Y. S. (2023)

➤ Espaços de contemplação da natureza, que oportunizam a observação de elementos visuais como: ponto, linha, cores, formas, textura, perspectiva, luz e sombra, possibilitando a apreciação estética nas imagens cotidianas.

Figura 35 - Muro de Arrimo.



Fonte: elaborado pelo aluno T. de O. (2023)

Figura 36 - Orla de Parintins.



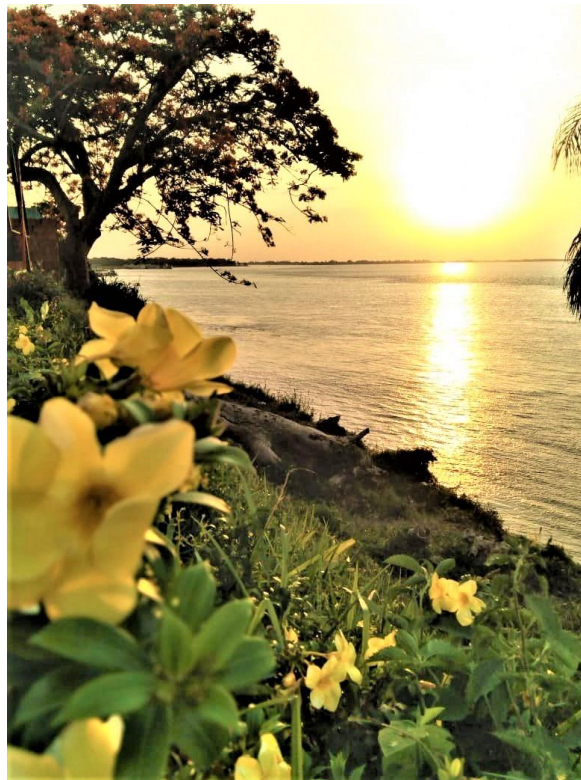
Fonte: elaborado pelo aluno O. R. (2023)

Figura 37 - Muro de Arrimo.



Fonte: elaborado pela aluna C. H. (2023)

Figura 38 - Porto do São Benedito.



Fonte: elaborado pela aluna D. M. (2023)

Figura 39 - Muro de Arrimo.



Fonte: elaborado pelo aluno F. M. (2023)

Figura 40 - Muro de Arrimo.



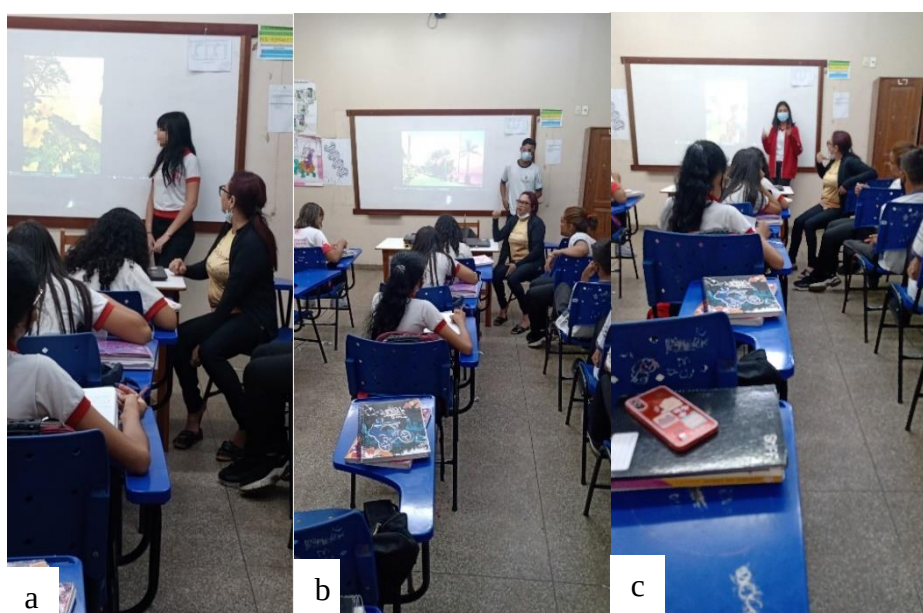
Fonte: elaborado pela aluna A. K. B. (2023)

Após a captura de imagens, foi feita a socialização das fotografias em sala de aula, onde os alunos apresentaram as fotografias (sendo uma de cada aluno) e socializaram o motivo pelo qual escolheram suas imagens, qual o significado de cada imagem para eles. Essa socialização permitiu identificar elementos da cultura do aluno, seus hábitos, crenças, tradições, como também oportunizou relatos de experiência reportadas pelas imagens socializadas por eles. Também permitiu a identificação de patrimônios materiais da cultura parintinense, elementos e figuras típicas da cidade, trazendo-os para o contexto escolar, construindo uma relação entre o seu fazer artístico e a cotidianidade. Essa relação pode ser construída a partir da consideração das experiências anteriores do aluno por parte do professor, pois segundo Vigotsky (2009, p. 12) “É fácil compreender o enorme significado da conservação da experiência anterior para a vida do homem, o quanto ela facilita sua adaptação ao mundo que o cerca, ao criar e elaborar hábitos permanentes que se repetem em condições iguais”

A socialização das fotografias, também ajudou na alfabetização estética dos alunos, a partir da exploração de elementos da visualidade presentes na natureza, visto que não se pode desconsiderar a importância da alfabetização estética na formação do ser humano, pois de acordo com Barbosa (2001):

O canal da realização estética é inerente à natureza humana e não conhece diferenças sociais. Pesquisadores já mostraram que o ser humano busca a solução de problemas através de dois campos básicos: o pragmático e o estético, isto é, buscam soluções que sejam mais práticas, mais fáceis, mais exequíveis, que lhe dêem maior prazer” (BARBOSA, 2001, p. 33).

Figuras 41a, 41b e 41c - Socialização das imagens em sala de aula.



Fonte: elaborada pela autora (2023)

A etapa seguinte foi a produção de molduras artesanais para a exposição didática das fotografias. Esta atividade foi realizada no refeitório da escola sob a minha orientação, buscando uma padronização dos suportes a serem utilizados para a exposição das fotografias, a fim de valorizar a apresentação dos trabalhos dos alunos sem destacar nenhum deles. É importante que todos sintam-se autores no processo, participando em condições proporcionais, sem distinção de qualquer espécie. Pensar em igualdade na escola é considerar o pensamento de Valentim (1997):

[...] A nível oficial, a igualdade face à escola é cada vez menos pensada como uma igualdade na composição pelo acesso a diferentes posições sociais, mas como uma igualdade de oportunidades no desenvolvimento de potencialidades, necessariamente diferentes de indivíduo para indivíduo. (VALENTIM, 1997, p. 67)

Figuras 42a, 42b e 42c - Produção de molduras artesanais.



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Do resultado

O resultado da atividade realizada no período de dois meses pode ser apreciado pelos pais, funcionários e comunidade parintinense por meio de uma exposição didática intitulada “Cotidiano em foco”, na qual foram expostas trinta e cinco fotografias feitas pelos alunos no rall do Mercado Municipal Leopoldo Neves, no centro da cidade, no dia dezassete de outubro de 2023, em comemoração ao aniversário de 170 anos de Parintins.

Aqui fizemos o processo inverso, no qual o ensino de arte se fez presente no cotidiano parintinense, permitindo uma relação positiva entre escola, família e comunidade. É importante que os alunos passem por tal experiência, tornando possível observar a apreciação e a reação do público em relação às fotografias expostas.

Para registro da atividade além das fotografias, houve também o registro no livro de visita para autenticidade do evento, registrando uma participação expressiva do público. Por se tratar de uma atividade pedagógica, a exposição dispôs de um curto tempo disponível para a apreciação e reflexão sobre as imagens trazidas pelos alunos. Quanto a isso Peruzzo (2015):

Estamos acostumados a visualizar as imagens, mas não a decodificá-las e a percebê-las dentro de um contexto mais amplo. Pois, para que isto aconteça, efetivamente, é necessário tempo. Tempo para olhar, tempo para ‘passar’ sobre as imagens, tempo para compreendê-las em sua totalidade e em sua unicidade, tempo para refletir e para estruturá-las num devido espaço e tempo. (PERUZZO, 20015, p. 12)

Durante o processo de produção e organização da exposição houve a participação de trinta e cinco alunos de uma turma de trinta e seis alunos, considerando que uma aluna abandonou a escola e não retornou mesmo com a busca ativa realizada pela equipe pedagógica.

Figura 43 - Organização das fotografias pelos alunos.



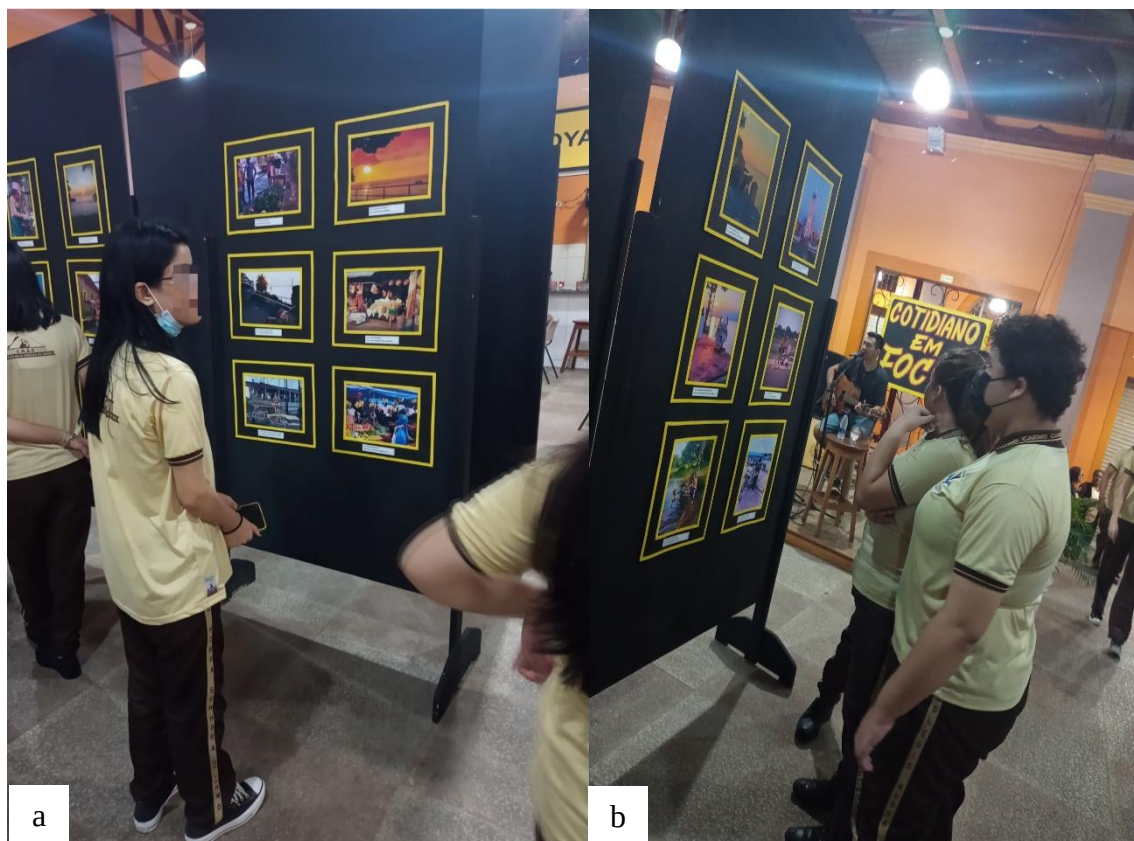
Fonte: elaborado pela autora (2023)

Figura 44 - Registro de visitação.



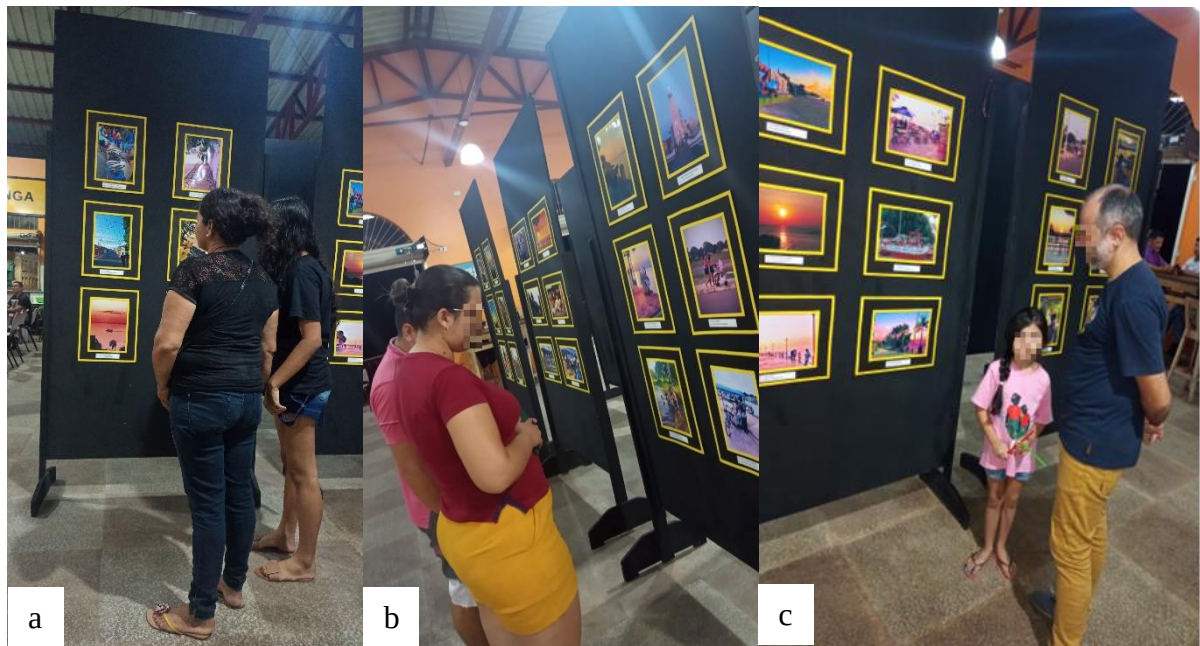
Fonte: elaborado pela autora (2023)

Figuras 45a e 45b - Alunos do Colégio Nossa Senhora do Carmo.



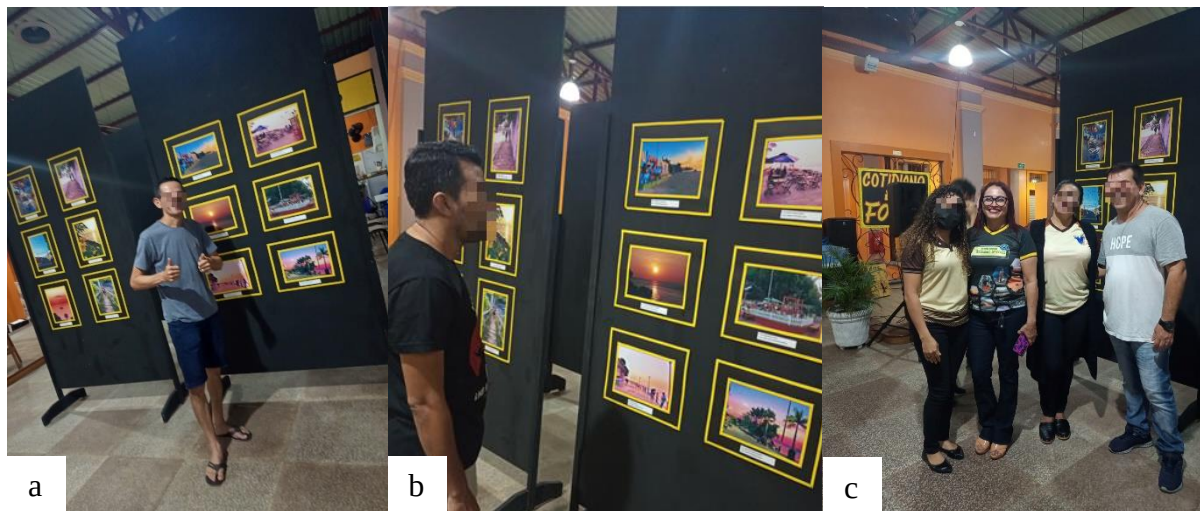
Fonte: elaborado pela autora (2023)

Figura 46a - Familiares de aluno. Figuras 46b e 46c - Comunidade parintinense.



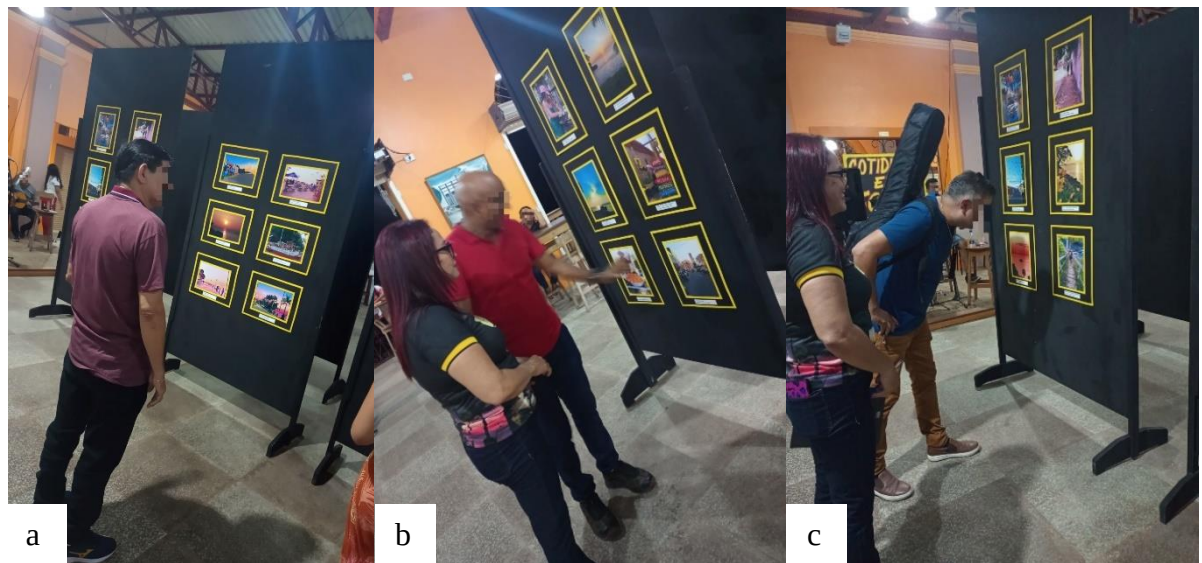
Fonte: elaborado pela autora (2023)

Figura 47a - Professor de Arte do C.N.S.C. Figura 47b - Professor da E.E. São José. Figura 47c - Professores de outras instituições.



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Figura 48a - Gestor da E.E. São José. Figura 48b - Representante da Seduc. Figura 48c - Músico parintinense.



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Análise do resultado

Para análise de todas as etapas da pesquisa, além da observação direta foi feita a aplicação de questionário aberto, através do qual os alunos expuseram opiniões, sensações e aprendizados quanto processo criativo, como também sobre a experiência da exposição feita em um espaço público.

Os questionamentos referentes à atividade de intervenção trouxeram posicionamentos pertinentes por parte dos alunos, quanto à prática de atividades fora do ambiente escolar, colocando-os mais próximo do seu contexto e permitindo a construção de um elo entre os conceitos adquiridos no Ensino de Arte e suas vivências.

Questionados se gostaram de participar da atividade extra-classe, os alunos responderam dando ênfase a expressões como: nova experiência, coisas diferentes, trabalho diferenciado, atividade interessante, sair da rotina escolar, nova forma de aprendizado. Este fato possibilitou uma análise positiva quanto ao interesse deles em participar de atividades fora do espaço escolar, como a oficina de fotografia, captura de imagens e mostra didática.

1- VOCÊ GOSTOU DE PARTICIPAR DAS ATIVIDADES EXTRA CLASSE? (oficina de fotografia, captura de imagens e mostra didática)
▪ D. V. M.: Sim, pelo fato de sair da rotina escolar e aprender mais sobre a cultura da minha cidade. ▪ E. E. M.: Sim, porque foi uma nova experiência. ▪ E. F.: Sim, foi bem interessante participar das atividades fora da escola, foi um trabalho bem diferenciado e maravilhoso. ▪ J. V. C.: Sim, porque nós saímos um pouco do padrão de só vim pra escola estudar, mas sim experimentar coisas diferentes. ▪ C. H.: Sim, porque saiu um pouco da rotina. ▪ L. P.: Sim, porque foi uma nova forma de aprendizado. ▪ B. H. N.: Sim, porque sair um pouco da rotina escolar e em andar em lugares conhecidos da cidade com os amigos foi incrível. Obs: muitas das respostas foram repetidas por isso não constam todas no quadro

Quanto à realização da oficina de fotografia, sem dúvida foi indispensável para o desenvolvimento da atividade de intervenção, como também, para a assimilação de conceitos básicos de técnicas de fotografia e uma maior percepção dos elementos da visualidade presentes no seu cotidiano. Permitir que os alunos percebam esses elementos presentes no seu dia a dia é importante para sua alfabetização visual, visto que os elementos visuais como linha, ponto,

cores, formas, texturas, perspectiva, luz e sombra se fazem presente na natureza e em outros ambientes que ele se insere, como também uma percepção estética em relação aos espaços cotidianos, passando a ter um olhar mais atento quanto ao seu ambiente, o que podemos observar na resposta da aluna A. C. M.

2- A OFICINA DE FOTOGRAFIA FOI INTERESSANTE PRA VOCÊ? POR QUÊ?

- E. E. M.: Sim, porque aprendi novas formas de tirar fotografia e que precisamos conhecer as técnicas pra elas ficarem boas.
- A. C. M.: Sim, porque aprendi coisas novas e a observar melhor os lugares por onde eu passo diariamente, assim como as pessoas que vejo.
- E. C.: Sim, porque eu aprendi coisas novas que não imaginava fazer.
- R. N.: sim porque aprendi a usar as grades na fotografia.
- D. M.: Sim, porque aprendi algumas informações sobre fotografia e usei para tirar minhas fotos.
- O. R. C.: Sim, aprendi a tirar fotos com mais qualidade. Valeu a pena essa aula.
- A. K. B.: Sim, aprendi muitas coisas que não sabia.
- K. V. R.: Sim, pois eu aprendi na prática.
- E. F.: Sim, porque podemos mostrar o cotidiano do povo parintinense.
- J. V. C.: Sim, aprendi a tirar fotos, conheci lugares que não conhecia na minha cidade e lugares que já conhecia, mas que mudaram ao longo do tempo.
- J. V. B.: Sim, pois eu aprendi muito sobre fotografia.
- H. S.: Sim, aprendi a olhar as fotos olhando de vários ângulos.
- L. P.: Sim, porque o professor nos ensinou a tirar uma boa fotografia.
- S. S. da S.: Sim, gostei bastante. Foi a primeira vez que participei de uma.
- B. H. N.: Sim, as aulas no Liceu de Artes e na escola foram muito boas, além de aprender a tirar fotos.
- M. V.: Sim, gostei de aprender como tirar uma foto de qualidade.
-

Obs: muitas das respostas foram repetidas por isso não constam todas no quadro.

Os novos conhecimentos adquiridos pelos alunos ajudaram na hora da captura e escolha das imagens, diminuindo a dificuldade dos alunos. Alguns relatam dificuldades na composição da imagem, escolha de ângulo e em escolher a melhor imagem das muitas capturadas, pontos importantes no desenvolvimento do processo criativo

3- VOCÊ TEVE DIFICULDADE PARA CAPTURAR E ESCOLHER UMA IMAGEM?

- D. M.: Não tive dificuldades.
- E. E. M.: Sim, porque não sabia em que ângulo ficaria bom pra tirar.
- A. C. M.: Sim, porque nos lugares que ia faltavam pessoas pra compor a foto.
- Thiago Oliveira: minha dificuldade foi apenas pra escolher a melhor imagem pra exposição, porque eram muitas.
- R. N.: a dificuldade foi escolher uma foto boa pra exposição.
- D. M.: não tive dificuldades.
- O. R. C.: não tive dificuldade depois da oficina, preferi escolher a imagem mais simples.
- K. V. R.: tive pouca dificuldade.
- Y. X.: minha dificuldade foi de escolher a foto.
- C. H.: não tive dificuldade.
- J. V. B.: não tive dificuldade.
- H. S.: tive pouca dificuldade.
- L. P.: sim, porque eram vários lugares que relembavam a minha infância.
- C. A. F.: Não tive dificuldade.
- B. H. N.: minha dificuldade foi escolher uma das muitas fotos que tirei.
- R. G. M. V.: não tive dificuldade.

Obs: muitas das respostas foram repetidas por isso não constam todas no quadro.

A proposta de capturar imagens de espaços cotidianos que remetesse os alunos à lembranças de experiências vividas, permitisse a identificação de elementos estéticos, bem como a identificação de elementos de sua cultura e outros aspectos foi cumprida com êxito por parte dos mesmos. Os alunos conseguiram construir uma relação da imagem com suas vivências tanto na socialização das imagens em sala de aula quanto no questionário aberto, relatando suas relações com as imagens e seu amor pela cidade de Parintins.

A socialização das imagens trouxe uma gama de informações sobre os alunos e suas experiências, sua história, suas lembranças e outros, como é o caso do aluno R. G. M. V., que trouxe na figura 30, a imagem do primeiro curral do boi-bumbá Garantido, Lindolfo Monte Verde (fundador do boi-bumbá Garantido e seu bisavô), o primeiro espaço de manifestações religiosas e folclóricas dos brincantes do boi-bumbá Garantido. O aluno traz uma imagem que relaciona a história do seu bisavô à sua própria história e à história do boi-bumbá de Parintins. Imaginem quantas narrativas R. G. M. V. deve ter ouvido de dona Maria Monte Verde (sua avó) sobre os feitos realizados por Lindolfo.

Destaco também a imagem da aluna S. S. da S., que na foto: 11, retratou sua avó cuidando peixe, uma atividade que em sua casa era tão comum, que nunca tinha parado pra pensar o quanto de saber popular sua avó havia adquirido ao longo dos anos. Sara conseguiu

perceber que além da estética, sua imagem registra uma tradição que vem se perdendo nos últimos anos, devido à prática da venda de peixe já cuidado nas feiras de Parintins. Indagada se sabe cuidar peixe, Sara responde que não, assim como a maioria dos alunos. Esse fato me reportou ao período que lecionei na zona rural, onde as adolescentes a partir dos doze anos desciam para a beira do rio com suas mães de posse de uma bacia cheia de peixes e facas de diferentes tamanhos para cuidá-los.

Outras duas imagens que são as figuras: 14 e 15, que além de trazerem em sua composição a presença dos elementos estéticos, também vivenciam uma prática cultural do cultivo de plantas medicinais e ornamentais, muito comum nas casas dos parintinenses.

São histórias, memórias, tradições, contextos e vivências trazidos para a sala de aula em apenas uma imagem. Entende-se que cada imagem causa uma reação particular em cada aluno. Cabe ao professor explorar essas informações relacionando-as aos conteúdos a serem ministrados em sala de aula e transformar em coletivo.

4- QUAL A SUA RELAÇÃO COM A IMAGEM QUE VOCÊ CAPTUROU?

- E. E. M.: a catedral é o local que sempre vou com minha família aos domingos desde criança, gosto de olhar as pinturas lá dentro.
- A. C. M.: quando tinha sete anos, meu avô começou a me levar nesse local.
- E. C.: o lugar me traz lembranças felizes quando minha mãe me levava na praça ao redor da igreja do Sagrado Coração de Jesus
- A. L. N.: lembrei de quando era criança e brincava no parquinho.
- T. O.: gosto de contemplar a natureza.
- R. N.: fotografei a frente da cidade porque eu amo Parintins.
- D. M.: Eu tenho boas lembranças das flores e do pôr-do-sol.
- O. R. C.: A orla da cidade me lembra quando eu e minha irmã chegávamos de viagem depois das férias.
- A. K. B.: gosto de ir nesse local ver o fim de tarde.
- K. V. R.: a imagem mostra uma atividade comum, costume nosso de ir à feira.
- E. F.: a imagem me lembra quando estamos no interior com meus irmãos pegando camarão na saca de mica.
- J. V. C.: a imagem diz muito da rotina das pessoas que todas as tardes passeiam com crianças na orla do bairro que eu moro.
- D. M.: Já estive nesse local com meus pais e irmãos no domingo
- Y. X.: A horta da escola me lembra a casa de minha avó, cheia de verduras.
- C. H.: eu amo o pôr-do-sol de Parintins
- H. S.: vejo minha mãe molhar as plantas desde que era criança.
- L. P.: a imagem mostra alimentos e objetos da nossa cultura e da cultura indígena.

- J. de S. da S.: Os barcos me fazem pensar nas passagens de gado no interior, onde gosto de estar nas minhas férias.
- C. A. F.: a imagem me lembra a alegria do mês de junho.
- S. S. da S.: cresci vendo minha avó cuidar o peixe no jirau e vi que essa atividade já não é mais tão praticada pelas pessoas porque já encontramos o peixe cuidado na feira.
- B. H. N.: minha foto foi de alunos voltando pra casa, no mesmo caminho que percorro todos os dias ao sair da escola, foi a primeira vez que parei pra observar o movimento das pessoas, as árvores e tudo que não observava antes.
- R. M. V.: minha foto fala da história de meu bisavô Lindolfo Monte Verde, fundador do boi-bumbá Garantido.
- J. V. B.: A rua enfeitada me lembra do boi-de-rua do meu boi Caprichoso.
- A. G.: O campo de futebol me recorda os colegas que deixei no bairro que morava.
- M. V. da S.: meu pai já trabalhou na feira vendendo peixe.
- E. E.: Gosto quando minha mãe me chama pra ir no Mercado tomar café.
- L. D. dos Santos: Moro na Baixa da Xanda e sempre vejo os pescadores desembarcando peixe.
- I. C. de S.: Melancia é minha fruta preferida.
- J. E. de L.: Minha mãe sempre compra peixe assado na feira nos finais de semana, também passo na feira todos os dias quando volto pra casa.
- Y. X.: O bumbódramo representa muito pra mim e pra minha cidade, representa a nossa cultura.
- F. M.: Gosto de ver os barcos passando no muro de Arrimo, dá vontade de viajar.
- A. B. R.: A praça Digital é um local de encontro com os amigos.
- K. K. S.: O portal em forma de cocar me recorda o mês de junho, com Parintins cheio de turistas, alegre e colorida.

Quanto à experiência de expor o resultado da atividade para o público, percebeu-se uma aceitação e satisfação dos alunos em participar do evento, o que pode ser observado durante a organização e realização da mostra didática “Cotidiano em Foco”, bem como nas entrevistas e respostas ao questionário aplicado.

Transpor a produção dos alunos além dos muros da escola, construindo educação em diferentes espaços é desafiador para o professor de arte. Essa experiência trouxe uma reflexão sobre a possibilidade de realizar esse tipo de atividade pelo menos uma vez no ano, possibilitando ao aluno, compreender a educação como parte de um todo, onde ele torna-se o protagonista no processo de construção do conhecimento.

5- VOCÊ GOSTOU DE PARTICIPAR DA EXPOSIÇÃO COLETIVA? POR QUÊ?

- T. O.: sim, foi uma nova experiência.
- R. N.: gostei muito.
- D. M.: achei muito divertido e gostei de apreciar as fotografias.
- O. R. C.: sim. Gostei das fotos da nossa cidade.
- A. K. B.: sim, foi muito bom trocar experiência com os colegas.
- K. V. R.: sim, foi tudo muito lindo e legal.
- E. F.: sim, foi muito gratificante ver nossos trabalhos sendo apreciado por muitas pessoas.
- J. V. C.: sim, porque tive a oportunidade de conhecer outros lugares através da fotografia dos colegas.
- Y. X.: gostei de ver os trabalhos dos colegas.
- C. H.: sim gostei muito dessa experiência.
- J. V. B.: sim achei muito interessante as fotografias.
- H. S.: sim, porque consegui ver a cidade sob o olhar de cada colega que participou da atividade.
- L. P.: sim, porque a atividade realizada com a participação de todos, fortaleceu a amizade entre os colegas.
- C. A. F.: sim, foi muito interessante.
- S. S. da S.: foi muito bom participar com os outros colegas.
- B. H. N.: essa atividade marcou o meu último ano na escola.
- M. V.: gostei de ver as pessoas admirando minha foto.
- D. V. M.: Sim, porque foi uma experiência incrível.
- E. E. M.: foi interessante, porque eu nunca tinha participado de uma exposição fora da escola.
- E. C.: fiquei feliz com a exposição.
- T. O.: sim, foi uma nova experiência.
- R. N.: gostei muito.
- D. M.: achei muito divertido e gostei de apreciar as fotografias.
- O. R. C.: sim. Gostei das fotos da nossa cidade.
- A. K. B.: sim, foi muito bom trocar experiência com os colegas.
- K. V. R.: sim, foi tudo muito lindo e legal.
- E. F.: sim, foi muito gratificante ver nossos trabalhos sendo apreciado por muitas pessoas.
- D. V. M.: Sim, porque foi uma experiência incrível.
- E. E. M.: foi interessante, porque eu nunca tinha participado de uma exposição fora da escola.
- E. C.: fiquei feliz com a exposição.

Em relação à pesquisa bibliográfica realizada durante o processo de pesquisa, visando metodologias capazes de despertar o interesse e participação do aluno nas aulas, tendo seu cotidiano como motivação para a prática artística, observei o quanto é necessário o alinhamento entre a prática diária do arte-educador e a formação continuada por meio da leitura e investigação de novas metodologia aplicáveis ao Ensino de Artes. Rever teorias de aprendizagem e abordagens teóricas quanto à metodologias na área de Arte Educação permitiu-me o enriquecimento e ampliação do conhecimento, além de pensar em novas possibilidades de desenvolvimento do processo criativo no Ensino de arte, pois de acordo com Gil (2008):

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. (GIL, 2008, p. 50)

O uso da fotografia como uma dessas possibilidades, utilizando o celular como recurso didático, traz uma reflexão sobre a discriminação desse dispositivo em sala de aula por parte de alguns professores, como também quanto à necessidade do planejamento inserindo o uso do aparelho de forma clara e objetiva. É importante orientar os alunos quanto ao bom uso do celular no processo ensino e aprendizagem, pois um dispositivo móvel pode auxiliar o professor de forma bastante significativa, desde que ele mesmo saiba explorar seus recursos e aplicativos. Não podemos fechar os olhos à atual conjuntura da educação quanto ao uso das TICs em sala de aula, pois de acordo com Moran (2003, p. 61): “É importante conectar sempre o ensino com a vida do aluno. Chegar ao aluno por todos os caminhos possíveis: pela experiência, pela imagem, pelo som, pela representação (dramatizações, simulações), pela multimídia, pela interação online e off-line”

Considerações finais

A proposta de investigar metodologias aplicáveis ao ensino de arte e práticas pedagógicas capazes de despertar o interesse e participação do aluno no processo criativo, tendo seu cotidiano como motivação para a prática artística, foi desenvolvida de forma objetiva e dinâmica, respeitando as condições e os limites dos participantes da pesquisa. Todo o conhecimento aqui adquirido por mim como pesquisadora, assim como pelos alunos inseridos no processo deu-me subsídio para continuar buscando novas possibilidades para as aulas práticas de arte, incentivando o aluno à produção artística, por meio das diferentes técnicas.

Explorar espaços cotidianos por meio da captura de imagens, utilizando o celular como recurso didático permitiu aos alunos o aprimoramento da técnica de fotografia, como também despertou o interesse deles quanto à participação em todas as etapas do processo criativo, o que me deixou extremamente satisfeita com a atividade e com o resultado final trazido por eles. Sempre acreditei na potencialização do ensino de arte por meio dos elementos visuais presentes no cotidiano de Parintins pelo fato de que a arte está presente em cada canto da cidade. Entendo que nossos alunos precisam ser alfabetizados para a leitura de imagens cotidianas e reconhecer sua arte e sua cultura educando o olhar para a apreciação estética necessária para seu desenvolvimento cognitivo.

Realizar essa pesquisa em sala de aula, apesar de toda a dificuldade, trouxe-me grandes perspectivas em relação às minhas práticas docentes, como também a possibilidade de reflexão e análise das mesmas, além da percepção da necessidade constante de se buscar alternativas possíveis de serem aplicadas tanto no espaço escolar como fora dele. Isso se intensifica com a valorização das experiências do aluno em sala de aula, ao se trabalhar de forma harmoniosa, os conceitos e as informações adquiridas pelo mesmo ao longo de suas vivências. Cabe ao arte-educador a pesquisa e a organização dessas práticas pedagógicas capazes de despertar no aluno o interesse e a participação de forma muito mais significativa, mas para que essas práticas sejam realizadas na sua totalidade é importante que, o poder público por meio das secretarias de educação, destinem verbas específicas para ações desse tipo, contribuindo de forma mais eficaz na construção de um ensino de qualidade.

Assim sendo, considero essa pesquisa um divisor de águas na minha vida de arte-educadora, bem como uma fonte de pesquisa capaz de contribuir com um ensino de arte diferenciado na cidade de Parintins, bem como para as práticas pedagógicas de outros profissionais da área de arte. O sentimento é de satisfação e alegria por percorrer o processo

criativo de forma coletiva, rica de significados e sentimentos, não só para mim como professora, mas também para os trinta e cinco alunos que fizeram parte desta experiência. Aqui fica registrada a minha contribuição com a ciência e com o ensino de arte.

Referências

- BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no: realidade hoje e expectativas futuras**. Estud. av., São Paulo, v. 3, n. 7, p. 170-182. Dec. 1989.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação: Arte-Educação Contemporânea**. São Paulo: Cortez, 2005.
- BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos e Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. Editora Perspectiva - 6ª edição-, 2005.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista brasileira de educação, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>
- DEWEY, J. Ter uma experiência. In: DEWEY, J. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DEWEY, J. **Experiência e educação**; tradução de Anísio Teixeira. 2. ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1976.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- FABRIS, Annateresa. Discutindo a imagem fotográfica. Domínios da imagem, Londrina, v. i, n. 1, p. 31-41, nov. 2007
- GIL, Antonio Carlos; **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 11º ed. São Paulo / Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- MARTINS, Raimundo. **Reflexões Sobre Ensino de Arte, Visualidades e Cotidiano. Paralelo 31**, v. 1, n. 6, 2016.
- MEIRA, M. R.; SILVA, U. R.. Cultura Visual, ensino da arte e cotidiano: hibridismo e paradoxos. Visualidades (UFG), v. 11, p. 37-57, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/index.php/VISUAL/article/view/30684>
- MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarciso. & BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 7 ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- PERUZZO, Patricia. **A função social, cultural e artística da imagem fotográfica**. Reflexão e Ação, v. 23, n. 1, p. 303-321, 2015.
- SILVA, Edna Lúcia da; **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação/Edna Lúcia da Silva**, Estera Muszkat Menezes. – 3. ed. rev. atual.– Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SILVA, Ursula Rosa da; SENNA, Nádia da Cruz. Visualidades e cotidiano no ensino da arte. 2016. Disponível em <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/7118>

THIOLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo, Cortez, 1985.

VALENTIM, Joaquim Pires. **Escola, igualdade e diferença**. Campo das Letras, 1997.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico: livro para professores/Lev Semionovich Vigotski; apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Prestes. – São Paulo: Ática, 2009.

Anexo

Plano de aula

Identificação:

Disciplina: Arte

Professora: Ana Carmem de Oliveira Rodrigues

Conteúdo:

- A prática das artes visuais e as artes integradas nas dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética.

Objetivo geral:

- Reconhecer a arte como condição de identidade cultural e como meio de transformação social, política, histórica, econômica, estética e ética.

Objetivos específicos:

- Explorar imagens do cotidiano relacionadas com a identidade cultural do aluno;
- Compreender a importância da fotografia e dos diversos recursos artísticos audiovisuais para o contexto da sociedade atual, incluindo as novas formas de arte;
- Compreender a contribuição das novas tecnologias (celular) para a difusão, a apreciação e a produção artística, considerando o contexto da cibercultura.

Competências:

- Experimentar a ludicidade, a percepção e a expressividade, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.
- Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.
- Problematicar questões políticas, sociais, econômicas e culturais, por meio de produções, intervenções e apresentações artísticas.
- Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.

Habilidades:

(EF69AR31) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética.

(EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.).

(EF69AR35) Identificar e manipular diferentes tecnologias e recursos digitais para acessar, apreciar, produzir, registrar e compartilhar práticas e repertórios artísticos, de modo reflexivo, ético e responsável.

Cronograma das aulas:

AULA	DATA	DIA DA SEMANA	HORÁRIO	LOCAL	CONTEÚDO	ESTRATÉGIAS	TIPO DE AULA	RECURSO E PROFESSOR (A)
1ª	15/09/2022	Quinta-feira	9:36 às 10:28	Sala de aula	A prática das artes visuais e as artes integradas nas dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética.	Aula expositiva	teórica	Ana Carmem
2ª	19/09/2022	Segunda-feira	8:00 às 9:00	Liceu de Artes		Oficina de fotografia (com uso do celular)	teórica	Gierre Rainier Angioli e Ana Carmem Rodrigues
3ª	20/09/2022	Terça-feira	7:00 às 9:00	Vários pontos da cidade		Captura de imagens com a câmera do celular	prática	Ana Carmem
4ª	22/09/2022	Quinta-feira	9:36 às 10:28	Sala de aula		Seleção das fotografias projetadas em datashow	teórica	Ana Carmem
5ª	29/09/2022	Quinta-feira	9:36 às 10:28	Sala de aula		Seleção das fotografias projetadas em datashow	teórica	Ana Carmem e alunos

6ª	06/10/2022	Quinta-feira	9:36 às 10:28	Refeitório da escola		Produção de molduras artesanais	prática	Ana Carmem e alunos
7ª	14/10/2022	Sexta-feira	17:00 Às 21:00	Mercado Municipal Leopoldo Neves		Exposição didática	teórica	Ana Carmem e alunos
8ª	20/10/2022	Quinta-feira	9:36 às 10:28	Sala de aula		Aplicação de questionário aberto		Ana Carmem e alunos